



Relação professor-aluno nos cursos de Licenciatura em Biologia e em Matemática do IFMA Campus Buriticupu: o que dizem os licenciandos

Lara Vanessa Alves de Sousa¹

Edilene Freitas Silva²

Elson Silva Sousa³

Resumo: Esta pesquisa investigou as representações sociais dos licenciandos em Biologia e em Matemática do IFMA Campus Buriticupu sobre a relação professor-aluno vivenciada na graduação. A partir de uma abordagem qualitativa, a pesquisa combinou revisão bibliográfica sobre a Teoria das Representações Sociais e coleta de dados, com questionários analisados segundo a técnica de Análise de Conteúdo. Os resultados revelaram que, na concepção dos licenciandos tanto do curso de Biologia como no de Matemática, a relação professor-aluno facilita a aprendizagem, faz a mediação do conhecimento, envolve responsabilidade mútua, afetividade e respeito. A pesquisa revelou a importância dessa relação para o processo de ensino e de aprendizagem pelas seguintes razões: desperta o prazer pelo aprendizado, constrói diálogos e conhecimento, facilita o processo de ensinar e de aprender e é fator de motivação. Entretanto, para os licenciandos em Matemática, há uma repercussão negativa na formação inicial docente, tendo sido descrita como fechada/superficial ou negligente/egocêntrica. Já para os licenciandos em Biologia, a repercussão é positiva e foi descrita como razoável e satisfatória. Os episódios negativos narrados apontam para a necessidade de superação do autoritarismo ainda presente nos ambientes de formação de professores.

Palavras-chave: Relação professor-aluno. Representações Sociais. Formação inicial docente.

Teacher-student relationship in the Biology and Mathematics degree courses at IFMA Buriticupu Campus: what undergraduate students say

Abstract: This research investigated the social representations of undergraduate students in Biology and Mathematics at IFMA Campus Buriticupu about the teacher-student relationship experienced during their undergraduate studies. Using a qualitative approach, the research combined a bibliographic review on the Theory of Social Representations and data collection, with questionnaires analyzed using the Content Analysis technique. The results revealed that, in the conception of undergraduate students in both Biology and Mathematics, the teacher-student relationship facilitates learning, mediates knowledge, involves mutual responsibility, affection and respect. The research revealed the importance of this relationship for the teaching-learning process for the following reasons: it awakens the pleasure of learning, builds dialogues, through it knowledge is constructed, facilitates the teaching and learning process and is a motivating factor. However, for undergraduate students in Mathematics, there is a negative repercussion in initial teacher training, having been described as closed/superficial

¹ IFMA, Buriticupu, Maranhão, Brasil. ✉ laravanessa796@gmail.com

² IFMA, Buriticupu, Maranhão, Brasil. ✉ edilenefreitas@ifma.edu.br

³ IFMA, Buriticupu, Maranhão, Brasil. ✉ elson.silva@ifma.edu.br

or negligent/egocentric. For undergraduates in Biology, the repercussions were positive and were described as reasonable and satisfactory. The negative episodes reported point to the need to overcome the authoritarianism still present in teacher training environments.

Keywords: Teacher-student relationship. Social Representations. Initial teacher training.

1 INTRODUÇÃO

A relação professor-aluno, tem recebido atenção por parte de muitas pesquisas no campo educacional cuja preocupação é o processo de ensino-aprendizagem. Entretanto, nas práticas pedagógicas, maior atenção é dada para outros elementos desse processo, como: domínio do conhecimento formal e técnico do componente curricular ministrado, metodologias inovadoras ou mesmo tradicionais de ensino, recursos didáticos, programas e projetos integradores etc.

Elementos esses, aliás, com seu grau de importância para o processo formal de educação, mas, cabe a esta pesquisa demonstrar a relevância da temática para o universo educacional, uma vez que se observa que muitos dos insucessos das práticas pedagógicas vivenciadas ocorrem por não se levar em consideração a relação entre professor e aluno.

É notório que a aula é o espaço em que ocorre a situação comunicativa mais importante da educação e os interlocutores dessa comunicação são os professores e alunos. Logo, é inconcebível pensar a análise do ato pedagógico apenas com foco em conteúdos e métodos. Apesar de estar demarcada por programas com objetivos específicos explicitados, com conteúdo e cargas horárias pré-definidas, a inter-relação professor-aluno também pode determinar o desenvolvimento do processo de ensino e de aprendizagem (ALMEIDA, 2015).

Parte-se do entendimento de que essa relação influencia tanto na aprendizagem dos conteúdos, quanto no desenvolvimento do próprio curso e, ainda, como se trata de cursos de formação de professores, influencia na prática pedagógica dos futuros professores. Entendimento esse fruto de pesquisas que têm como objeto a relação que se estabelece entre professor e aluno (PIMENTA; ANASTASIOU, 2002; ALMEIDA, 2015).

As pesquisas que se debruçam sobre a relação estabelecida entre professor e aluno, mostram que os modelos de educação adotados pela universidade nos diversos períodos históricos condicionam de alguma forma essa inter-relação. Por exemplo, pode-se perceber que

os modelos de educação jesuítica e francesa são baseados em certas concepções de educação, de conhecimento, de docência e de discência que são frutos dos objetivos de um projeto que se pretende desenvolver. Esses modelos concebem a educação como um processo de inculcação de ideologias; o conhecimento como um saber indiscutível, para ser transmitido e memorizado; a docência, como autoridade inquestionável, cumpre o papel de transmitir o conteúdo e o aluno como um ser passivo e obediente, cuja tarefa é apenas memorizar o conteúdo transmitido para submeter-se à avaliação (PIMENTA; ANASTASIOU, 2002; ALMEIDA, 2015). Os elementos presentes nessa tendência, conhecida por Pedagogia Tradicional, repercutem na relação professor-aluno, constituindo-a como uma relação hierárquica, formal, distante e antidialógica.

Já, no modelo alemão de ensino, existe a busca pela interação entre professor e aluno por meio da pesquisa. E, isso não é privilégio somente dos centros de pesquisa, acontece nos institutos de formação profissional. Nesse projeto de universidade, a relação professor-aluno é baseada na parceria, visando à produção do conhecimento e a docência não é concebida como detentora do conhecimento. Esse, por sua vez, não é transmitido ao aluno autoritariamente e hierarquicamente, pois o aluno é concebido como sujeito da construção do conhecimento (PIMENTA; ANASTASIOU, 2002).

Essa concepção de educação confere à relação professor-aluno a valorização da parceria, da crítica, da reflexão, da avaliação como instrumento de diagnóstico de necessidades para a aprendizagem; da consciência de que esse aluno traz um conjunto de conhecimentos culturais, experienciais e intelectuais, da interação por meio do diálogo, do respeito ao outro, da troca de saberes (MORGADO, 2002). Elementos esses indispensáveis para a construção significativa do conhecimento.

Diante do exposto, é possível afirmar que ainda predominam em cursos de formação docente e na universidade de uma forma geral, relações e práticas sociais ancoradas na pedagogia da reprodução do conhecimento entendido como verdadeiro e inquestionável. Uma pedagogia que concebe o professor como um mero transmissor de conteúdos curriculares desarticulados da problematização e da crítica da realidade social, cultural, econômica e científica.

Nesse sentido, o presente projeto de pesquisa tem como objeto de estudo a relação vivenciada, construída entre professor e aluno nos cursos de licenciatura em Biologia e em

Matemática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA) Campus Buriticupu.

Como o objeto desta pesquisa precisa ser compreendido psicossocialmente, escolheu-se a Teoria das Representações Sociais, surgida no ano de 1961, pelo romeno Serge Moscovici em seu estudo sobre a representação social da psicanálise: *Psychanalyse: son image et son public*. A escolha do referencial se justifica por ser um aporte que permite identificar visões de mundo, crenças e valores que compõem o conjunto de assuntos inerentes à relação professoraluno.

2 A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: DIÁLOGO, AUTORIDADE E TRANSFORMAÇÃO

O objetivo desta pesquisa é investigar a relação professor-aluno nos cursos de Licenciatura em Biologia e Matemática do IFMA Campus Buriticupu, analisando as percepções dos licenciados sobre como essa relação é vivenciada em sala de aula e sua importância no processo de ensino-aprendizagem. Fundamentada em autores como Paulo Freire, entre outros que discutem esse tema, a pesquisa busca identificar as representações sociais dos alunos e sua relevância para a formação docente. As contribuições de Freire são especialmente valiosas, dado seu impacto na educação brasileira e sua relevância para as licenciaturas e práticas pedagógicas.

Para Freire (1996), o aprendizado eficaz ocorre através de uma educação humanizadora, mediado pelo diálogo e pela valorização da individualidade de cada estudante no processo de ensino e de aprendizagem. O autor afirma que “o educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele (FREIRE, 1996, p. 43), enfatizando que o verdadeiro aprendizado emerge de uma prática educacional dialógica. Dessa forma, a prática de escuta e afeto nas relações entre professores e alunos configura-se como um pilar fundamental para o desenvolvimento de uma relação saudável e produtiva, essencial para a construção do conhecimento.”.

A relação professor-aluno é um elemento central no processo de aprendizagem, mas seu impacto vai além das atividades em sala de aula. Essa relação reflete-se no cotidiano do aluno, influenciando sua vida pessoal, suas interações familiares, amizades e desenvolvimento social.

Freire (1974) propõe uma educação problematizadora e libertadora, que só é possível por meio do diálogo e do respeito mútuo. Ele argumenta que, para promover uma educação emancipadora, é fundamental que o diálogo seja uma base das relações em sala de aula, permitindo que o professor e o aluno construam conhecimento de forma colaborativa.

Freire ressalta que o professor deve exercer autoridade, mas sem autoritarismo, evitando a postura de detentores exclusivos do saber. Essa distinção entre autoridade e autoritarismo é crucial, pois, enquanto a autoridade legítima inspira respeito e facilita o processo de ensino e de aprendizagem, o autoritarismo cria barreiras e limita o potencial emancipador da educação. Infelizmente, pesquisas mostram que práticas autoritárias ainda persistem em muitos contextos educacionais, marcadas por uma visão hierárquica e unilateral do conhecimento, em que o professor é o detentor do saber e o aluno apenas recebe.

Ainda sobre a diferença entre autoridade e autoritarismo, em entrevista à revista *Nova Escola*, Cortella (2017) afirma que a base de uma relação saudável entre professor e aluno reside na autoridade docente, essencial para o processo de aprendizagem. Contudo, o autor distingue claramente a autoridade de autoritarismo. A autoridade docente é fundamentada em um posicionamento que inspira respeito e promove a compreensão das regras e normas que orientam o ambiente educacional, ajudando os alunos a avançarem em seu desenvolvimento. Em contrapartida, o autoritarismo relaciona-se a práticas impositivas e antissociais, onde as normas são impostas por meio da coerção, gerando acordo baseado no medo e na angústia.

Cortella observa que, sob uma liderança de autoridade legítima, os alunos são motivados pelo respeito e pela confiança no professor como guia de seu aprendizado. No entanto, quando o autoritarismo prevalece, os alunos podem sentir-se pressionados e emocionalmente desgastados, o que prejudica o desenvolvimento de um vínculo de confiança e cooperação. Essa distinção é fundamental para refletir sobre o papel do professor como facilitador do conhecimento e mediador da aprendizagem, em vez de um mero transmissor de conteúdo.

Concordando com os autores mencionados, Libâneo (1994) afirma que

A relação entre o ensino e aprendizagem não é mecânica, não é uma simples transmissão do professor que ensina para um aluno que aprende. Portanto é uma relação recíproca na qual se destacam o papel dirigente do professor e a atividade dos alunos. (p. 90).

Em outras palavras, o ensino envolve mais do que instruir; trata-se de estimular e dirigir o processo de aprendizagem de forma que o aluno participe ativamente de sua construção de

saberes. A partir dessa visão, entende-se que o professor deve atuar como um facilitador que inspira, orienta e promove a autonomia dos alunos.

No contexto atual, é essencial que o ensino cause um impacto significativo na vida do aluno, despertando-o para transformar sua realidade tanto no âmbito social quanto no epistemológico. Isso exige inovação constante na prática docente, que deve ir além dos métodos tradicionais e se adaptar às demandas da sociedade contemporânea. Embora muitos fatores influenciem esse processo, a responsabilidade de refletir sobre as práticas pedagógicas recai, fortemente, sobre o professor. Se a prática docente permanecer inalterada, a educação perderá sua capacidade de transformar a sociedade.

Assim, cabe refletir, criticamente, sobre como a educação está sendo desenvolvida nas escolas brasileiras, se as práticas de ensino incentivam o aluno a compreender e a intervir na realidade em que vive. Essa análise é fundamental para que a educação, de fato, desempenhe seu papel transformador, tornando cidadãos mais conscientes e comprometidos com o progresso social.

Dessa forma, torna-se evidente a necessidade de implementar novas estratégias e ressignificar a prática de ensino tradicional, permitindo que o professor, mais do que um detentor de saber, se torne uma ponte entre o conhecimento acadêmico e o desenvolvimento integral dos alunos. Segundo Gadotti (1999), para que o diálogo seja eficaz, o educador não deve se posicionar como dono do saber absoluto, mas, ao contrário, deve considerar que cada aluno, inclusive o analfabeto, possui o conhecimento mais importante: o conhecimento da própria vida. Esse reconhecimento exige que o professor esteja aberto a aprender com as experiências dos educandos, valorizando o saber vivencial como parte fundamental do processo de ensino e de aprendizagem.

Nessa mesma lógica, considerando a diferença entre autoridade e autoritarismo, é fundamental que o professor saiba portar-se com respeito dentro da sala de aula, exercendo sua autoridade de maneira equilibrada e evitando o abuso de sua autonomia. A boa gestão da sala de aula exige preparação e habilidades específicas que permitem ao professor reger suas aulas de forma organizada e eficiente, sempre com foco no aprendizado. De acordo com Rodrigues Júnior (2012), para ser um bom instrutor, é necessário administrar, gerenciar bem a sua classe, e, reciprocamente, para administrar bem a classe, é necessário ser um bom instrutor, em consequência, os alunos serão bem-sucedidos na aprendizagem.

Portanto, o papel do professor envolve também habilidades de administração e gestão de sala de aula, elementos que são importantes para seu sucesso como instrutor e facilitador do conhecimento. Nesse sentido, a autoridade do educador surge como uma consequência natural de sua postura em saber liderar a turma e conduzir as atividades de maneira a promover o respeito mútuo e a eficiência no ensino. Ao agir como um administrador eficiente, o professor, por meio de uma relação de confiança, cria um ambiente de aprendizagem que favorece o desempenho e o envolvimento dos alunos, fundamental para a produção do conhecimento.

Um aspecto fundamental para a construção da autoridade em sala de aula é a relação entre professor e aluno, quanto mais sólida e dinâmica for, quanto mais confiança e segurança houver, mais se torna possível o estabelecimento da autoridade. Isso é explicado por Moscovici (2003), pois as representações que se formam no imaginário da sociedade têm repercussão direta em seu comportamento, atitudes e modos de agir, pois formam estruturas individuais de conhecimentos que informam e orientam os membros de um grupo social, em determinado tempo e espaço. É um círculo virtuoso, enquanto essa relação é estabelecida de forma saudável e segura a autoridade vai se construindo e esta, por sua vez, vai fortalecendo a relação.

Nessa perspectiva, o diálogo é imprescindível para o processo educativo, pois, como argumenta Paulo Freire (2016), ele é uma “exigência existencial”. Para Freire, o diálogo representa o encontro em que se faz uma reflexão e ação, com o objetivo de transformar e humanizar o mundo. Esse encontro, portanto, não pode se reduzir a uma simples transmissão ou troca superficial de ideias, mas deve ser uma construção compartilhada de sentido e significado, uma “pronúncia do mundo” que se traduz em um ato de criação (p. 109-110).

Freire nos ensina, portanto, que o diálogo é essencial para construir relacionamentos e conhecimentos. Nesse sentido, na relação entre professor e aluno, o diálogo precisa transcender a troca aleatória de informações, tornando-se uma oportunidade para a criação de novas ideias, ambientes e percepções de mundo. Essa abordagem permite que o diálogo seja reconhecido como uma necessidade em todos os aspectos da sociedade, uma vez que é pela comunicação autêntica que promove a compreensão e a solidariedade (FREIRE, 2016).

De acordo com Freire (2016), dialogar não é apenas uma técnica; é uma postura que sustenta a autoridade legítima e fortalece o vínculo com os educandos, promovendo uma educação humanizadora. Assim, o diálogo pode abrir novas possibilidades, estimulando nos alunos uma consciência crítica e uma vontade de transformação. Nesse sentido, uma educação

comprometida com o diálogo é capaz de formar cidadãos reflexivos, capazes de interagir com o mundo de maneira mais consciente e engajada, o que constitui o verdadeiro objetivo de uma educação humanizadora.

Como se pode constatar, é impossível pensar no ato de educar sem a relação professor aluno, pois a escola é um dos poucos espaços capazes de desenvolver o indivíduo intelectual e socialmente. Por isso, a relação entre educandos e docentes tem sido motivo de atenção e alvo de estudos entre pesquisadores, o que se justifica pela natureza da tarefa de educar que, segundo a concepção de Freire (2016), traz em si a ideia da afetividade:

Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual (FREIRE, 1996, p. 146).

Portanto, pode-se concluir que o papel do professor na formação de vínculos positivos com os alunos, amparado pelo equilíbrio entre autoridade e diálogo, demonstra-se essencial para uma educação que visa não apenas o aprendizado formal, mas também o desenvolvimento integral dos indivíduos.

Buscou-se explorar a importância de uma abordagem humanizadora na relação professoraluno, fundamentada em autores como Paulo Freire, para reforçar a necessidade de uma postura dialógica e respeitosa por parte do professor. Como vimos, a autoridade docente, quando equilibrada com respeito e empatia, constitui uma prática que fomenta a autonomia dos alunos, criando um ambiente onde o aprendizado é construído coletivamente e ganha relevância para além dos muros da escola.

Diante do exposto, entende-se que a relação professor-aluno é um dos pilares centrais para uma educação verdadeiramente transformadora. Quando o professor assume uma posição de facilitador, valorizando a individualidade e promovendo o diálogo, abre o caminho para que a escola se torne um espaço de emancipação dos alunos. Dessa forma, o compromisso com uma prática docente humanizadora reafirma a relevância de transformar a educação em um processo de diálogo constante, crítica e construção conjunta, em prol de uma sociedade mais consciente e solidária.

3 METODOLOGIA

Para a realização da pesquisa, foi utilizada a abordagem da investigação qualitativa por se harmonizar com a natureza da investigação no campo da educação e com o objeto dinâmico da pesquisa em foco, a relação professor-aluno; com o aporte teórico selecionado, a Teoria das Representações Sociais, “por suas relações com a linguagem, a ideologia e o imaginário social e, principalmente, por seu papel na orientação de condutas e das práticas sociais” (ALVESMAZZOTTI, 2008, p. 21); com a técnica escolhida para tratamento e análise dos dados, a Técnica de Análise de Conteúdo, por não restringir a interpretação, mas ao contrário oferecer ao pesquisador a possibilidade de acessar um nível de compreensão de significados pertinente às condições de produção da mensagem.

Esse estudo foi desenvolvido a partir da **pesquisa bibliográfica e de campo**. A **pesquisa bibliográfica** em livros, artigos em periódicos, dissertações, teses, anais de eventos científicos e informações disponibilizadas pela *internet* fundamentou o trabalho. Essa base possibilitou uma revisão de trabalhos já produzidos sobre a relação professor-aluno, o que ajudou a entender, historicamente, como se deu o processo de construção dessa relação e, ainda, proporcionou o aprofundamento do aporte teórico selecionado, permitindo identificar o estado da arte das pesquisas brasileiras em representações sociais e seu diálogo com a educação.

O universo delimitado da **pesquisa de campo** foi composto por 21 licenciandos do curso de Licenciatura em Biologia e cinco, em Matemática, do IFMA Campus Buriticupu que estudam o sexto e o oitavo período. Isso se justifica por considerarmos que esses estudantes já tiveram bastante experiência para descrever o cotidiano da relação entre professor e aluno vivenciada na graduação.

Como instrumento de coleta de dados, foi utilizado o **questionário**. Para Gil (1999), o instrumento apresenta as seguintes vantagens: a) possibilita atingir grande número de pessoas, ainda que dispersas em área geográfica extensa; b) implica menores gastos com pessoal, posto que o questionário não exige o treinamento dos pesquisadores; c) garante o anonimato das respostas; d) permite que as pessoas o respondam em momento conveniente; e) não expõe os pesquisadores à influência das opiniões e do aspecto pessoal do entrevistado (GIL, 1999, p. 128/129).

Antes da aplicação do questionário, foi entregue uma cópia do termo de consentimento livre e esclarecido aos participantes da investigação, explicitando os objetivos geral e específicos da pesquisa, bem como a metodologia e que, somente após a autorização manifesta

dos sujeitos que aceitassem participar da pesquisa, responderiam ao questionário, com perguntas abertas e fechadas, aplicado pela bolsista. Além disso, ficaram sabendo que poderiam interromper a qualquer momento a participação na pesquisa, que seus dados pessoais seriam mantidos em sigilo e que os resultados gerais obtidos seriam utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, sendo posteriormente publicados em periódicos científicos. Para o tratamento e análise dos dados coletados, utilizou-se a técnica de **Análise de Conteúdo** por ser uma técnica que permite a sistematização, a descrição, a inferência e a interpretação de estudos qualitativos e quantitativos (BONFIM, 2008). O tratamento e análise de conteúdo das entrevistas seguiram as etapas operacionais propostas por Bardin (1977) e por Coutinho e Saraiva (2011), a saber: a constituição do *corpus*, a ser formado pelo conjunto das entrevistas transcritas; a leitura flutuante, que permitirá a codificação das unidades temáticas por meio do agrupamento dos temas semelhantes; a composição das subcategorias, que serão inferidas a partir do conjunto das unidades temáticas encontradas; a definição das categorias, que consiste num conceito mais amplo que resume os núcleos de sentido; a descrição das categorias, que é a discussão e análise detalhadas das categorias à luz da teoria selecionada e dos estudos já realizados sobre o objeto de pesquisa.

Os resultados e discussão são apresentados no tópico a seguir.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A relação professor-aluno tem recebido atenção por parte de muitas pesquisas no campo educacional cuja preocupação é o processo de ensino-aprendizagem. Entretanto, nas práticas pedagógicas, maior atenção é dada para outros elementos desse processo, como: domínio do conhecimento formal e técnico do componente curricular ministrado, metodologias inovadoras ou mesmo tradicionais de ensino, recursos didáticos, programas e projetos integradores etc.

Elementos esses, aliás, com seu grau de importância para o processo formal de educação, mas, cabe a esta pesquisa demonstrar a relevância da temática para o universo educacional, uma vez que se observa que muitos dos insucessos das práticas pedagógicas vivenciadas ocorrem por não se levar em consideração a relação entre professor e aluno.

É notório que a aula é o espaço em que ocorre a situação comunicativa mais importante da educação e os interlocutores dessa comunicação são os professores e alunos. Logo, é inconcebível pensar a análise do ato pedagógico apenas com foco em conteúdos e métodos. Apesar de estar demarcada por programas com objetivos específicos explicitados, com conteúdo e cargas horárias pré-definidas, a inter-relação professor-aluno também pode determinar o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem (ALMEIDA, 2015).

Parte-se do entendimento de que essa relação influencia tanto na aprendizagem dos conteúdos, quanto no desenvolvimento do próprio curso e, ainda, como se trata de cursos de formação de professores, influencia na prática pedagógica dos futuros professores. Entendimento esse fruto de pesquisas que têm como objeto a relação que se estabelece entre professor e aluno (PIMENTA; ANASTASIOU, 2002; ALMEIDA, 2015).

As pesquisas que se debruçam sobre a relação estabelecida entre professor e aluno mostram que os modelos de educação adotados pela universidade nos diversos períodos históricos condicionam de alguma forma essa inter-relação. Por exemplo, pode-se perceber que os modelos de educação jesuítica e francesa são baseados em certas concepções de educação, de conhecimento, de docência e de discência que são frutos dos objetivos de um projeto que se pretende desenvolver. Esses modelos concebem a educação como um processo de inculcação de ideologias; o conhecimento como um saber indiscutível, para ser transmitido e memorizado; a docência, como autoridade inquestionável, cumpre o papel de transmitir o conteúdo e o aluno como um ser passivo e obediente, cuja tarefa é apenas memorizar o conteúdo transmitido para submeter-se à avaliação (PIMENTA; ANASTASIOU, 2002; ALMEIDA, 2015). Os elementos presentes nessa tendência, conhecida por Pedagogia Tradicional, repercutem na relação professor-aluno, constituindo-a como uma relação hierárquica, formal, distante e antidialógica.

Já, no modelo alemão de ensino, existe a busca pela interação entre professor e aluno por meio da pesquisa. E isso não é privilégio somente dos centros de pesquisa, acontece nos institutos de formação profissional. Nesse projeto de universidade, a relação professor-aluno é baseada na parceria, visando à produção do conhecimento e a docência não é concebida como detentora do conhecimento. Esse, por sua vez, não é transmitido ao aluno autoritariamente e hierarquicamente, pois o aluno é concebido como sujeito da construção do conhecimento (PIMENTA; ANASTASIOU, 2002).

Essa concepção de educação confere à relação professor-aluno a valorização da parceria, da crítica, da reflexão, da avaliação como instrumento de diagnóstico de necessidades para a aprendizagem; da consciência de que esse aluno traz um conjunto de conhecimentos culturais, experienciais e intelectuais, da interação por meio do diálogo, do respeito ao outro, da troca de saberes (MORGADO, 2002). Elementos esses indispensáveis para a construção significativa do conhecimento.

Diante do exposto, é possível afirmar que ainda predominam em cursos de formação docente e na universidade de uma forma geral relações e práticas sociais ancoradas na pedagogia da reprodução do conhecimento entendido como verdadeiro e inquestionável. Uma pedagogia que concebe o professor como um mero transmissor de conteúdos curriculares desarticulados da problematização e da crítica da realidade social, cultural, econômica e científica.

Nesse sentido, o presente projeto de pesquisa tem como objeto de estudo a relação vivenciada, construída entre professor e aluno nos cursos de licenciatura em Biologia e em Matemática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA) Campus Buriticupu.

Como o objeto desta pesquisa precisa ser compreendido psicossocialmente, escolheu-se a Teoria das Representações Sociais, surgida no ano de 1961, pelo romeno Serge Moscovici em seu estudo sobre a representação social da psicanálise: *Psychanalyse: son image et son public*. A escolha do referencial se justifica por ser um aporte que permite identificar visões de mundo, crenças e valores que compõem o conjunto de assuntos inerentes à relação professoraluno.

4.1 Curso de Licenciatura em Biologia

A análise de conteúdo que aqui será apresentada foi realizada, como já dito, a partir dos dados coletados por meio de um questionário, contendo a maior parte das questões abertas, o qual foi respondido por 21 alunos do curso superior de licenciatura em Biologia, pertencentes ao sexto e oitavo períodos do curso.

Em relação à faixa etária dos licenciandos em Biologia que participaram da pesquisa, os que têm entre 20 e 25 anos correspondem a 36,36% do universo pesquisado; aqueles que

estão entre 26 e 30 anos, 41%; com 35 anos, 18,18%; e, por último, com 40 anos, têm-se a porcentagem de 4,54%. Com respeito ao grau de satisfação dos licenciandos com o curso de licenciatura em Biologia, 24% estão muito satisfeitos; 62% estão satisfeitos; 5% estão muito insatisfeitos e 9% se consideram insatisfeitos. Os motivos de satisfação englobam a boa relação estabelecida entre professor e aluno.

A primeira categoria surgida foi a “**concepção**” dos licenciandos sobre a relação que se estabelece entre professor e aluno. Esta foi inferida a partir das respostas que os sujeitos deram à pergunta sobre o que eles pensam a respeito da referida relação. A condensação dos dados é apresentada na Tabela 1, na qual se tem as subcategorias, as frequências das unidades temáticas e o correspondente percentual⁴.

Tabela 1 – Unidades temáticas da concepção dos licenciandos em Biologia sobre a relação professor-aluno

Unidades temáticas	f	%
Responsabilidade mútua – [...] uma relação de comprometimento entre ambas as partes (3); os dois desenvolvem uma interação que proporciona melhores condições nas aulas (5); não deve ser uma relação de imposição, mas sim, uma relação de cooperação (2); uma relação em que ambos contribuem para o ensino-aprendizado (2);	12	41,38%
Mediação do conhecimento – [...] através dela o aluno pode ser motivado a construir seu conhecimento (3); o professor deve se relacionar com o aluno de forma a atrair sua mente para o mundo do aprendizado (); função de mediador para a aprendizagem e conhecimento (); relacionamento em que o professor colabora significativamente com o aprendizado do aluno ().	6	20,69%
Afetividade – Proximidade, interação, e afetividade que existe entre ambos (5); uma relação mais amigável na qual um escuta a opinião do outro e têm um diálogo construtivo ().	6	20,69%
Respeito – [...] respeito e crescimento, a relação tem que ser transparente entre ambas as partes, para que haja um convívio saudável (5).	5	17,24%
TOTAL:	29	100%

Fonte: Dados coletados pela autora por meio de questionário.

Na **Tabela 1**, tem-se a concepção dos licenciandos em Biologia sobre a relação professor-aluno em si. Das declarações, extraíram-se quatro subcategorias, quais sejam:

“**responsabilidade mútua**”, representada por 41,38% das unidades temáticas; “**mediação do conhecimento**”, 20,69%; “**afetividade**”, 20,69% e “**respeito**”, 17,24%.

⁴ Nas tabelas que seguem em todo o relatório, são apresentados os mesmos elementos.

Como se pode perceber, os licenciandos têm uma concepção bastante construtivista da relação entre professor e aluno. Para a tendência construtivista da educação, o conhecimento é resultado da ação interativa e reflexiva entre homem e mundo. Nesse contexto, o processo de construção do conhecimento é mais considerado que o produto em si e a ênfase está ligada ao “aprender a aprender” (FIORENTINI, 1994 *apud* ORTENZI, 2006). No construtivismo é dado maior importância ao relacionamento entre professor e aluno, pois essa perspectiva de educação requer que o aluno tenha confiança no professor. O professor, portanto, exerce um papel fundamental, visto que sua autoridade está assentada numa relação de compromisso com a produção do saber. Logo, não se está defendendo a eliminação da autoridade, “uma vez que a intervenção do educador conserva-se modificada no raciocínio elaborado pelo aluno, que se sente respeitado como partícipe do processo de ensino-aprendizagem” (ZUIN, 2008, p. 37). O que se deseja elucidar é que o papel do professor bem como suas atribuições não devem ser confundidos com autoritarismo.

A concepção dos acadêmicos do curso de licenciatura em Biologia mostra uma superação do entendimento de que a educação deve ser bancária; o professor, o detentor do conhecimento e o ensino deve acontecer pelo ato de depositar, de transferir, transmitir conhecimento. Entender a relação professor-aluno dessa forma é importante, pois é um caminho para se superar a contradição educador/educandos (FREIRE, 2005). Nas declarações, fica claro o entendimento de que o conhecimento é construído e a relação professor-aluno, uma facilitadora desse processo de construção, uma abertura para o diálogo que se traduz em motivação para aprender.

Subcategorias como “**responsabilidade mútua**”, “**mediação do conhecimento**”, “**afetividade**” e “**respeito**” revelam que essa inter-relação deve ser pautada numa relação de complementaridade, pois essa é a característica definidora da relação que se estabelece entre professor e aluno. Entretanto, é notório que tal complementaridade propende mais para o lado do professor, cabendo a este ter ciência de que isso acontece de forma mais enfática se o modelo de educação praticado for orientado por princípios pedagógicos tradicionais, prescritivos e rígidos, pois colocam o professor no centro da situação educativa (Bonfim, 2007).

Esse entendimento é muito importante para o futuro professor, ainda em formação, pois poderá contribuir para uma prática pedagógica voltada para a criação de uma aula baseada na discussão, na interação em sala de aula, na construção de um espaço em que o conhecimento

continua sendo o objeto da aula, porém, a relação professor-aluno deixa de ser uma imposição do professor. Pelo contrário, ela se estabelece como uma construção coletiva. É importante dizer que, nessa construção coletiva, os papéis do professor e do aluno devem estar bem esclarecidos (ORTENZI, 2006).

Tabela 2 – Unidades temáticas da importância que os licenciandos em Biologia dão à relação professor-aluno no processo de ensino-aprendizagem

Unidades temáticas	f	%
Construção do conhecimento – É fundamental em todos os níveis e modalidades de ensino através dela o aluno pode ser motivado a construir seu conhecimento (6). [...] é por meio dela que o conhecimento vai sendo construído (5). [...] é importante, pois é através dessa relação que o sucesso do processo de ensino-aprendizagem ocorre e o conhecimento vai sendo construído (4).	15	57%
Facilidade no ensino-aprendizagem – [...] quando o aluno tem uma boa relação com o professor, aprender e ensinar se torna algo agradável o que facilita todo o processo (4). Com uma relação boa entre ambos, a aprendizagem rende e fica até mais descontraindo estudar, devido à relação (1). [...] Se o professor tem acesso ao aluno e o aluno ao professor, as ministrações em sala de aula, os eventos e dinâmicas se tornarão mais proveitosos (1).	6	23%
Motivação - [...] muitas vezes a relação com o professor pode fazer com que o aluno abandone o curso, como também pode ocorrer o contrário (2). É de suma importância, pois ajuda na boa formação dos discentes a terem uma boa relação até mesmo com a sociedade, assim o aluno poderá se expressar de forma positiva sempre que for dialogar, essa relação faz com que os alunos deixem o medo de falar de lado e saibam lançar suas ideias e opiniões (3).	5	29%
TOTAL	26	100%

Fonte: Dados coletados pela autora por meio de questionário.

Na **Tabela 2**, retrata-se a importância que os licenciandos em Biologia dão à relação professor-aluno. Onde se extraíram três subcategorias: “**Construção do conhecimento**”, representada por 57% das unidades temáticas; “**Facilidade no ensino-aprendizagem**”, 23% e **Motivação**, 29%.

Na categoria importância da relação professor-aluno, ratifica-se o que foi demonstrado na categoria concepção da relação. O que se buscava, pois, confirmar com as perguntas era se os sujeitos pesquisados continuariam com um discurso coerente. E, como se pode perceber, para os licenciandos, a relação entre professor e aluno é importante por, basicamente, três razões, todas associadas à construção do conhecimento.

Se os licenciandos acreditam que a relação estabelecida entre professor e aluno pode ser o fio construtor do conhecimento, o que se pode notar no excerto: “*é importante, pois é através dessa relação que o sucesso do processo de ensino-aprendizagem ocorre e o conhecimento vai sendo construído*”; se eles acreditam que pode facilitar o processo de ensinoaprendizagem, crença expressa na fala: “*quando o aluno tem uma boa relação com o*

professor, aprender e ensinar se torna algo agradável o que facilita todo o processo”; que ela é um fator de motivação: “*essa relação faz com que os alunos deixem o medo de falar de lado e saibam lançar suas ideias e opiniões*”, provavelmente, quando estiverem atuando como docentes, procurarão desenvolver uma relação nesse nível de complementaridade, sabendo que o seu papel será o de mediar o conhecimento.

Perguntou-se aos licenciandos como a relação professor-aluno, vivenciada na graduação, tem repercutido na sua formação e a análise de conteúdo realizada foi condensada na Tabela 3, a seguir.

Tabela 3 – Unidades temáticas da repercussão da relação professor-aluno no curso de Licenciatura em Biologia

Unidades temáticas	f	%
Positivamente – [...] de forma positiva, pois tem refletido em meu posicionamento e comprometimento com o processo de ensino-aprendizagem (4); sim, de forma positiva, tenho ganhado muito conhecimento, o respeito na sociedade só aumenta (4); positivamente, mantém-se uma boa relação, temos professores qualificados, comprometidos com a formação do aluno (2); na minha vida acadêmica, tenho professores fantásticos, que visam a essa interação e buscam cada dia mais uma forma diferenciada de facilitar o nosso entendimento (1); uma relação vivenciada por professores e alunos é uma experiência afetiva na construção da pessoa e do conhecimento (4); [...] isso levarei para minha vida profissional, buscarei ter uma ótima relação com meus alunos para que melhor possam entender e aprender o que ensinarei (3); essa relação contribuirá muito para minha vida profissional, pois é nessa relação que identifico as melhores didáticas dos professores e como devo me comportar diante de diferentes alunos e assuntos, tendo meus professores como exemplo (4); quando vejo, no professor, a vontade de ensinar, tenho isso como exemplo e enquanto aluno ganho mais forças para enfrentar o futuro e consequentemente concluir o curso (3).	21	91%
Negativamente – Alguns professores deixam a desejar, causa uma certa desmotivação (2).	02	9%
TOTAL	23	100%

Fonte: Dados coletados pela autora por meio de questionário.

Na **Tabela 3**, como se pode constatar, 91% das unidades temáticas expressam que a relação professor-aluno tem repercutido na formação de maneira positiva. Dentre as razões expostas, encontram-se: maior comprometimento com o processo de ensino-aprendizagem; aquisição do conhecimento; experiência afetiva na construção pessoal e do conhecimento; motivação para buscar, na atividade profissional, estabelecer uma ótima interação com os alunos, bem como explorar as melhores didáticas identificadas.

Pode-se inferir, pelas declarações, que a inter-relação professor-aluno tem repercutido positivamente no desenvolvimento do curso, de uma forma geral, e na postura reflexiva do licenciando como futuro professor, de uma maneira específica. Esses relatos nos remetem ao

conceito de simetria invertida, segundo o qual a preparação do professor tem peculiaridades muito especiais: ele aprende a profissão no lugar similar àquele em que vai atuar, porém, numa situação invertida, implicando a necessidade de coerência entre o que se faz na formação e o que dele se espera como profissional (BRASIL, 2001; ALMEIDA, 2015).

Ainda que pequeno, há um percentual de 9% das unidades temáticas que expressaram uma repercussão negativa, como se percebe na fala: *“alguns professores deixam a desejar; o que causa uma certa desmotivação”*. Não ficaram claras, nas declarações, as razões pelas quais os sujeitos assim consideraram, mas é preciso dar ouvidos à voz desses sujeitos.

Como uma forma de reiterar os discursos já produzidos, foi solicitado aos participantes da pesquisa que descrevessem a experiência da relação professor-aluno vivenciada no cotidiano da graduação. O resumo da análise de conteúdo está expresso na Tabela 4. **Tabela 4** – Unidades temáticas do cotidiano da relação professor-aluno em sua graduação

Unidades temáticas	f	%
Razoável – Razoável. De vários professores apenas dois considero a relação aluno-professor desejada e adequada (3); ainda há muito que melhorar, porém tem muitas coisas que aprendemos com os professores e vamos passar para os alunos (2); com alguns professores foi perfeito, com outros nem tanto (4).	9	45%
Satisfatória – Muito boa, uma relação maravilhosa (1); com alguns professores foi uma relação muito boa de afeto e muita consideração, [...] a colaboração deles com nossa formação, fazendo com que a gente sinta vontade de se espelhar neles (1); a boa relação professor-aluno em minha graduação é notória, pois a maioria se preocupa em realmente transmitir o conteúdo e garantir que os discentes absorvam os conteúdos. [...] o professor instiga a curiosidade dos alunos, tornando as aulas motivadoras (3); ótima, pois meus professores visam o processo da aprendizagem com métodos didáticos que facilitam o conhecimento, e não apenas jogam o conteúdo sem se importar com esse processo (6).	11	55%
TOTAL	20	100%

Fonte: Dados coletados pela autora por meio de questionário.

Quando se solicitou que os sujeitos descrevessem o cotidiano da relação professor aluno, percebeu-se, de forma geral, que as subcategorias variam de razoável a satisfatória, como se pode constatar na **Tabela 4**. Não ficou clara a razão de ter sido descrita como razoável, em que 45% das declarações apenas falam de uma necessidade de melhoria. Já para 55%, a relação é satisfatória, pois há afeto, consideração, colaboração e preocupação com o aprendizado.

Solicitados a respeito dos episódios que mais lhes marcaram, 54,55% das unidades temáticas foram agrupadas em torno da subcategoria “episódios positivos”. Já para 45,45%, os episódios que mais marcaram foram os negativos conforme apresenta a Tabela 5.

De acordo com a **Tabela 5**, os licenciandos em Biologia relatam episódios positivos e negativos que foram vivenciados na graduação. Os episódios positivos estão ligados à maneira como os professores compreendem situações peculiares, à forma como os professores são comprometidos com a aprendizagem dos alunos e como os professores reconhecem, valorizam o esforço dos alunos.

Tabela 5 - Unidades temáticas dos episódios que mais marcaram os licenciandos

Unidades temáticas	f	%
Positivos – o ponto positivo que ocorreu na sala de aula é a compreensão dos professores quando é necessário, no caso de um acontecimento em que, no meio de uma prova, o professor diz: depois você faz a prova (2). É quando o professor entende o aluno que não é fácil trabalhar e estudar (1). O professor X já havia ministrado a aula, havia insistido em alguns pontos, já estávamos nas atividades, ele se aproximou e quis saber qual o motivo não estava fazendo atividade, responde que não sabia, ele fez meio que uma microaula particular para me ajudar (5); quando o professor reconhece o esforço e dedicação e ver que isso o alegrou. Um ponto positivo o professor mesmo sem recursos metodológicos, em todas as suas aulas sempre usava de estratégias chamando atenção dos alunos para o assunto que estava sendo apresentado (4).	12	54,55%
Negativos – Quando o professor não levou em consideração a situação, não se colocando no lugar do aluno (1). Certo dia uma aluna entregou um trabalho e o professor falou que nem perderia o seu tempo analisando o trabalho, pois já sabia que estava errado (4). A indiferença com alunos, quando no primeiro dia de aula, em sua apresentação como professor de determinada disciplina, mostrou-se autoritário e indiferente quanto às causas pessoais dos alunos (3). Professor que não cumpre com suas obrigações com a carga horária e cobra dos alunos como se estivesse fazendo tudo certo (1). Uma professora indisponível que quase não pisava em sala, me reprovou por falta, faltei duas das cinco aulas que ela deu, mais o pior foi a falta de compreensão da mesma no que diz respeito à disciplina e aos conteúdos aplicados, o que resultou em um atraso meu sendo que alguns alunos foram favorecidos em uma mesma situação e outro não (1).	10	45,45%
TOTAL:	22	100%

Fonte: Dados coletados pela autora por meio de questionário.

Já os episódios negativos estão voltados a situações em que o professor não entende as dificuldades do aluno no que diz respeito não só à aprendizagem dos conteúdos, mas também à vida pessoal e, ainda, à negligência com o cumprimento das atribuições docentes. As falas transmitem a insatisfação com os episódios narrados, os quais marcaram o imaginário dos sujeitos.

4. 2 Curso de Licenciatura em Matemática

O mesmo questionário aplicado ao curso de licenciatura em Biologia foi aplicado ao de licenciatura em Matemática e participaram da pesquisa apenas cinco acadêmicos. Antes de se expor os resultados e discussão dos dados, cabe registrar que houve uma grande resistência por parte dos licenciandos em Matemática em participar da pesquisa, por isso a quantidade pequena de declarações, o que prejudica a análise. Apesar disso, julga-se importante fazer a análise do conteúdo das declarações daqueles que se disponibilizaram a contribuir com a presente pesquisa. Para a apresentação dos dados e sua discussão, será utilizada a mesma sequência utilizada para o curso de licenciatura em Biologia.

Segundo os dados coletados, a faixa etária dos alunos de Licenciatura em Matemática move-se em torno de 20 a 40 anos, sendo que 25% dos alunos têm entre 20 e 25 anos, e 75%, têm entre 30 e 40 anos. Perguntados sobre o nível de satisfação com o curso, 25% dos acadêmicos declararam estar muito insatisfeitos, 25%, indiferentes e 50% dos sujeitos declararam satisfação com sua graduação. Os 25% de alunos que se declararam indiferentes em relação ao nível de satisfação bem como os 25% de muito insatisfeitos demonstraram que esse posicionamento está associado à forma como a relação professor-aluno tem se estabelecido, pois, segundo os sujeitos, existe soberba intelectual e falta de comprometimento com o processo de ensino e de aprendizagem por parte dos professores. Já os motivos que justificam o grau de satisfação dos licenciandos com o curso estão ligados ao ensino que é lecionado em sala de aula, com professores capacitados.

Perguntou-se aos alunos o que eles entendiam por relação professor-aluno, das respostas surgiu a categoria “**concepção**”, cuja análise está expressa na Tabela 6.

Tabela 06 – Unidades temáticas da concepção dos licenciandos em Matemática sobre a relação professor-aluno

Unidades temáticas	f	%
Facilitadora da aprendizagem - É quando o professor mantém uma postura de comprometimento no que diz respeito à aprendizagem dos alunos, buscando alternativas eficazes a fim de aprimorar o conhecimento dos mesmos (2); [...] Tanto que o professor que é o sujeito aprimora o papel de incentivar, entusiasmar o aluno (1); [...] o estudante fica motivado na aula e, por consequência, aprende mais (1); É um processo que facilita o ensino e aprendizagem do aluno, quando há um bom relacionamento entre o docente e aluno em sala de aula (1); [...] o professor é o veículo deste processo de ensinar, e o aluno representa o papel de absorvedor daquilo que será ensinado (1); O professor deve estar em boa relação e comunicação com seu aluno para ter a ideia de como está o aprendizado, se deve ir mais devagar ou adianta assuntos, procurando sempre uma boa metodologia a seu trabalho (1).	7	87,5%

Apenas profissional – Não acredito nas frases de efeito que afirmam que é uma troca de conhecimento entre aluno e professor, pois os professores são tão presos à ementa das disciplinas, tão desmotivados, muitas vezes desleixados que não conseguem dar atenção às peculiaridades dos alunos (1).	1	12,5%
TOTAL	8	100%

Fonte: Dados coletados pela autora por meio de questionário.

Na **Tabela 6**, de acordo com os resultados da pesquisa, 87,5% das unidades temáticas declaradas pelos alunos de licenciatura em Matemática, ao expressar o ponto de vista sobre a relação professor-aluno, entendem-na como facilitadora da aprendizagem. Essa concepção está alinhada com a pedagogia dialógica de Paulo Freire, segundo a qual o diálogo se dá numa relação horizontal em que não cabe o pensamento de que o professor é aquele que ensina e o aluno o que aprende. Cabe sim a concepção de que o saber é construído a partir de experiências antigas nas quais se ancora conhecimentos novos. Logo, é imprescindível que a docência seja exercida a partir dos conhecimentos de que o discente já dispõe em sua vasta experiência de vida.

Há ainda, nas declarações de 12,5% das unidades temáticas, a concepção de que a relação professor-aluno é apenas profissional, pois os professores se preocupam somente com os conteúdos a serem trabalhados, sem ter qualquer interação com seus alunos. Para Libâneo (2005, p.76),

A reflexão sobre a prática não resolve tudo, a experiência refletida não resolve tudo. São necessárias estratégias, procedimentos, modos de fazer, além de uma sólida cultura geral, que ajudam a melhor realizar o trabalho e melhorar a capacidade reflexiva sobre o que e como mudar.

Nesse mesmo entendimento, Luckesi (1991) fala da relação professor-aluno na educação tecnicista, tendência em que a aprendizagem matemática significa o desenvolvimento de habilidades para a resolução de problemas-padrão, objetivando formar recursos humanos competentes. No tecnicismo, portanto, não há a preocupação com a formação crítica e reflexiva dos alunos.

Nessa tendência, enfatiza-se o autoritarismo e se negligenciam aspectos importantes do aprendizado do aluno, tais como a pesquisa, a participação, a autonomia, a comunicação, a dúvida etc. Para o tecnicismo, professor competente é o que domina o conhecimento da área específica, de forma que, para ensinar, basta saber os conteúdos. Assim, o saber pedagógico da prática docente se torna sem valor (LUCKESI, 1991).

A categoria “**importância da relação professor-aluno** para o processo de ensino aprendizagem” revelou três subcategorias: “desperta o prazer pelo aprendizado”, “constrói diálogos” e “é irrelevante”. A Tabela 7 resume a análise de conteúdo das respostas dadas.

Tabela 7 – Unidades temáticas da importância que os licenciandos em Matemática dão à relação professor-aluno no processo de ensino-aprendizagem

Unidades temáticas	f	%
Desperta o prazer do aprendizado - O aluno não deve temer o professor. Ele deve vê-lo com respeito e como transmissor de conhecimento, auxiliador no aprendizado e sanador de dúvidas. Essa visão favorece a aprendizagem de ambas as partes, pois o professor também aprende com o aluno (1). É evidente, quando os alunos e professores se dão bem, ambas as partes saem beneficiadas. Isso ocorre por meio de um bom relacionamento intraclasse, na qual o professor é facilitador do conhecimento e o aluno desperta o prazer em estudar determinados conteúdos. Se essa parceria der certo, e o conhecimento repassado for eficiente, tanto aluno, quanto professor sairá mais estimulado nessa relação (1).	2	28,57%
Constrói diálogos – É muito relevante, pois favorece aos alunos um espaço de diálogo e discussões (1). Um bom relacionamento entre professor e aluno necessita estar em um trabalho de diálogo e parceria, para que o processo de ensino e aprendizagem se torne possível e satisfatório. Apesar de limitada por normas internas da instituição, conteúdos, programas e tempo predeterminado, é a interação entre o professor e o aluno que vai dirigir o processo educativo (2).	3	42,86%
É irrelevante – Acredito que na matemática a relação professor-aluno é extremamente obsoleta, ultrapassada, pois apenas se aprende matemática lendo teoria e praticando os conceitos teóricos em exercícios (1). Acredito que o conteúdo de monitor seria muito mais proveitoso, um professor estaria apto a sanar dúvidas algumas vezes por semana (1).	2	28,57%
TOTAL:	7	100%

Fonte: Dados coletados pela autora por meio de questionário.

Na **Tabela 7**, é possível perceber que 71,43% das unidades temáticas apresentam dados positivos no que diz respeito à importância da relação entre professor e aluno. Assim, para 28,57%, ela é importante porque desperta o prazer do aprendizado. Enquanto que, para 42,86%, ela é importante para a construção do diálogo. Para Paulo Freire, em *Pedagogia da autonomia* (1996), o ato de ensinar exige disponibilidade para o diálogo. Isso porque o diálogo é uma exigência existencial, é inerente ao ser humano, à vida em sociedade.

O diálogo é para o ser humano uma possibilidade para superar sua condição de objeto e de se realizar como sujeito crítico diante dos condicionamentos que lhe são impostos. O diálogo é, portanto, um elemento indispensável à relação entre professor e aluno, pois ambos tomam consciência de suas possibilidades como seres históricos, capazes de lutar contra a negação do sujeito (FREIRE, 2005; ALMEIDA, 2015).

Entretanto, para 28,57% das unidades temáticas, a relação professor-aluno é irrelevante, pois, segundo essa visão, a relação estabelecida no curso de Licenciatura em Matemática “é extremamente obsoleta, ultrapassada, pois apenas se aprende matemática lendo teoria e praticando os conceitos teóricos em exercícios”.

Percebe-se nessa interpretação, que o ensino praticado ainda tem base na tendência formalista clássica, um modelo euclidiano em que são utilizados elementos primitivos (definições, axiomas, postulados) e uma concepção estática e a-histórica da matemática. Nesse tipo de ensino, enfatiza-se a figura do professor como detentor, transmissor e expositor de conteúdos prontos e determinados. Já ao aluno apenas cabe a reprodução dos conteúdos (ORTENZI, 2006).

Assim, as relações entre professores e alunos são condicionadas pela figura de um professor autoritário, que detém o saber matemático de concepção formal. Tal dado aponta para a necessidade de superação da forma como se dá a interação entre professor e aluno nesse curso.

Tabela 8 – Unidades temáticas da repercussão da relação professor-aluno na formação inicial em Matemática

Unidades temáticas	<i>f</i>	%
Negativa - Extremamente negativa, pois trabalho o dia todo e não tenho tempo para estudar. Quando saio do trabalho tenho que ir diretamente para o IFMA assistir aulas para não reprovar por falta, entretanto, não consigo absorver quase nada. Mas, ao estudar aos finais de semana consigo absorver plenamente os conteúdos. Assim, sinto que perco tempo assistindo às aulas (1). Algumas disciplinas do curso são desestimulantes e desnecessárias, o que torna o conhecimento extremamente superficial (2).	3	60%
Positiva - Uma relação muito importante para mim enquanto acadêmico, pois a aprendizagem fica mais eficiente, mais eficaz, com engajamento de ambas as partes. Essa relação para mim traz um ambiente saudável, muito mais propício ao aprendizado (1). A minha graduação inteira foi marcada pelo medo de não gostar de possíveis metodologias dos professores, talvez por termos lidado com muitos professores novos a cada semestre, mas, no geral, tivemos grandes compartilhadores de conhecimento, que nos mostraram que éramos capazes de adquirir mais conhecimentos (1).	2	40%
TOTAL	5	100%

Fonte: Dados coletados pela autora por meio de questionário.

Com respeito à repercussão da relação na formação dos licenciandos, perceberam-se unidades temáticas negativas e positivas. Para 60% das declarações, essa repercussão tem sido negativa, porém, percebe-se que há vários fatores que interferem na forma como esses sujeitos veem a relação. Fatores como a dificuldade de conciliar o trabalho com os estudos e a própria matriz curricular, uma vez que o sujeito considera que “algumas disciplinas do curso são desestimulantes e desnecessárias”.

Já para 40% das declarações, a relação é eficaz, garantindo um aprendizado eficiente. Essa opinião leva ao entendimento de que, para alguns acadêmicos do curso de Matemática, a relação com os professores é satisfatória, pois há uma boa interação. Na atividade docente, a relação professor aluno pode ser muito conflituosa, pois acontece em um ambiente em que há o convívio de classes sociais, culturas, valores e objetivos diferentes. Por isso é tão importante que o docente esteja aberto a entender que independentemente das opções políticas, éticas, religiosas, filosóficas, pedagógicas adotadas por ele e por seus alunos é preciso superar as diferenças por meio do diálogo.

Por outro lado, apesar dos 40% das declarações positivas sobre a repercussão da interação professor-aluno, quando perguntados sobre o cotidiano da relação na graduação, a maior parte das unidades temáticas expressa que ela tem se estabelecido de forma fechada/superficial/negligente/egocêntrica. O resumo das declarações está exposto na Tabela 9.

Tabela 9 – Unidades temáticas do cotidiano da relação professor-aluno no curso de licenciatura em Matemática

Unidades temáticas	f	%
Fechada/Superficial – Fechada. Apenas alguns professores se interessam pelos alunos, isso quando os mesmos os procuram em caso extremo, diga-se de passagem. Temos mais abertura com os professores da pedagogia (1). Esperava, quando iniciei, uma relação mais significativa, mas percebi que esse relacionamento é muito, muito mecânico (1).	2	33,33%
Negligente/Egocêntrica – Sinto que os professores são extremamente desmotivados, preocupados em satisfazer seus egos, demonstrando um conhecimento teórico que ele não se importa se será ou não absorvido pelos alunos, os professores são desleixados, não possuem um plano de aula a seguir, não são organizados, protelam muitos afazeres como correção de provas e preenchimento de diários, por isso, para mim, essa relação foi negativa (1). Com um professor em particular, eu diria que péssimo, devido à falta de humildade ao ensinar, ao ar de superioridade dentro do campus e ao fato de terem momentos em que me sentir humilhada mesmo, por não saber determinado assunto (1).	2	33,33%
Comprometida/Empática – Uma experiência positiva e gratificante, pois há comprometimento com o processo de ensino (1); [...] Com a maioria, os professores são supercompetentes, entendem as dificuldades que temos e ajudam ou tentam ajudar de alguma forma (1).	2	33,33%

TOTAL:	6	100%
---------------	---	------

Fonte: Dados coletados pela autora por meio de questionário.

Na **Tabela 9**, como se pode constatar, 33,33% das unidades temáticas expressam que, no cotidiano da graduação, a relação é fechada ou superficial, pois os professores não têm uma boa interação com os alunos. Percebe-se, nas declarações, que os alunos não têm abertura com os professores das disciplinas específicas do curso, há, inclusive, a constatação de que eles têm mais abertura com os professores das disciplinas pedagógicas.

Pires (2000 *apud* ORTENZI, 2006) adverte os docentes do perigo de desarticulação entre os conteúdos técnicos e pedagógicos nas licenciaturas, pois tal desarticulação repercute na relação professor-aluno. A formação inicial deve estar atenta não apenas à formação de professores competentes nas áreas específicas, mas também promover a articulação com o saber pedagógico. Não basta, pois, saber ensinar “o que”, é necessário aprender o “como” ensinar.

Sobre essa discussão, Fiorentini (2004, p.4 *apud* ORTENZI, 2006) lembra que, para ser professor de Matemática não basta ter um domínio conceitual e procedimental da Matemática produzida historicamente precisa, sobretudo, conhecer seus fundamentos epistemológicos, sua evolução histórica, a relação da Matemática com a realidade, seus usos sociais e as diferentes linguagens com as quais se pode representar um conteúdo matemático.

Pode-se inferir, pelas declarações, que isso acontece em decorrência de uma prática pedagógica ancorada numa tendência liberal tradicional, em que a relação entre professor e aluno é, predominantemente, marcada pela autoridade do professor. Este assegura a atenção e o silêncio dos alunos pela imposição da disciplina, o que impede uma comunicação efetiva entre professor e aluno (LUCKESI, 1991).

Para 33,33% das unidades temáticas, a relação professor-aluno vivenciada na graduação é negligente ou egocêntrica, pois, segundo elas, os professores “estão preocupados em satisfazer seus egos”, não têm humildade ao ensinar e são desorganizados no desempenho da profissão.

Somando-se as subcategorias “fechada ou superficial” e “negligente ou egocêntrica”, tem-se um total de 66,66% de declarações que julgam a relação vivenciada no cotidiano como negativa, uma relação vertical, sem diálogo, na qual não há cooperação, respeito e crescimento.

É possível afirmar que os licenciandos em Matemática estão construindo uma representação negativa sobre a relação professor-aluno vivenciada na formação inicial.

Há ainda 33,33% das unidades temáticas que afirmam que a relação é positiva, as mesmas expressam que há comprometimento com o processo de ensino-aprendizagem, que os professores entendem as dificuldades dos seus alunos, “ajudam ou tentam ajudar de alguma forma”, atuando com compromisso e competência. Percebe-se, nesses relatos, que há práticas pedagógicas positivas no curso.

Nota-se, porém, que marcou muito mais o imaginário dos alunos a postura dos professores que tem uma prática pedagógica centrada no autoritarismo, na própria competência intelectual, que expõe seu conhecimento formal da matemática com rigor. Ao aluno restando a passividade e reprodução de conteúdos, na maioria dos casos.

Esse imaginário marcado de forma negativa ou positiva pode ser confirmado nas declarações dos sujeitos ao serem solicitados que relatassem alguns episódios ocorridos ao longo do curso. O resumo das falas está condensado na Tabela 10.

Tabela 10 – Unidades temáticas dos episódios decorrentes da relação professor-aluno no curso de licenciatura em Matemática

Unidades temáticas	f	%
Positivos – participei da elaboração de um artigo científico com a orientação do professor, foi gratificante, pois se não tivesse uma boa relação professor-aluno, não tínhamos conseguido a aprovação do artigo no CONEP, ano de 2018 (1); A troca de farpas entre eu e um professor, que não me reprovou. No caso de outros professores, a retenção seria inevitável. Devo muito a este professor, pois apesar de ser da área, não instiga a reprovação aos demais colegas como “lema”. Age de forma a ajudar graduandos e não a prejudicá-los a qualquer custo (1).	2	40%
Negativos – Um fato que vou levar para a vida. A nossa base não era uma das melhores, mas não significava que não éramos capazes de aprender. Um professor novo entra na sala e diz que se não entendíamos o assunto, poderíamos desistir do curso. Dois alunos desistiram naquele dia (2). Certo aluno do meu curso foi para tirar dúvidas com o professor e ele disse que o assunto já era pra ele ter aprendido no ensino fundamental (1).	3	60%
TOTAL	5	100%

Fonte: Dados coletados pela autora por meio de questionário.

Na **Tabela 10**, estão os resumos dos relatos dos episódios positivos e negativos que marcaram o cotidiano da graduação. 40% das unidades temáticas afirmam que os professores, no exercício da docência, contribuem com a formação acadêmica, no que diz respeito não só

ao ensino, mas também à pesquisa. Por outro lado, 60% das declarações expressam episódios negativos que ainda precisam ser melhorados, pois há professores que não estão cumprindo com o papel de mediador do conhecimento.

Como se pode ver, ocorreram episódios em que o professor desestimulou o aluno, ao ponto de fazê-lo desistir do curso. O professor, nesse sentido, não conseguiu desempenhar o papel de mediador do conhecimento, não conseguiu trabalhar com as diferenças de ritmos de aprendizagem.

Professores que mantêm tais práticas representam o professor que Zuin (2008) chama de carrasco, que pune, não mais fisicamente os seus alunos, mas psicologicamente. Esses professores podem até ter um discurso que defende a liberdade, a autonomia, mas, na prática, desenvolve relações autoritárias com seus alunos. Para este autor, não podemos deixar de reconhecer os efeitos devastadores na formação dos alunos que vivenciaram a violência simbólica nas salas de aula, sem falar nos efeitos na vida dos que desistiram de seus cursos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo que motivou esta pesquisa era investigar as representações sociais dos licenciandos em Biologia e em Matemática do IFMA Campus Buriticupu sobre a relação professor-aluno vivenciada na graduação. Como o objeto de estudo se dá nas interações travadas em sala de aula, escolheu-se estudá-lo na perspectiva dos alunos, buscando ouvir suas vozes, uma vez que eles são, juntamente com os professores, os sujeitos mais indicados para descrever o objeto de estudo em questão.

Nesse sentido, a Teoria das Representações Sociais, um conjunto de fenômenos que estão conectados com a maneira pessoal e social de entender o contexto em que o indivíduo interage e se comunica (GILLY, 2002), contribui para a compreensão das relações que se estabelecem no ambiente escolar.

Interessava à pesquisa identificar a concepção dos licenciandos em Biologia e em Matemática sobre a relação professor-aluno na formação inicial; verificar qual a importância que esses licenciandos dão à relação professor-aluno no processo de ensino-aprendizagem; reconhecer que tipo de relação professor-aluno tem sido desenvolvido na graduação. E, com isso, inferir as representações dos licenciandos sobre a relação vivenciada entre professor e aluno.

Sobre isso, pode-se afirmar que a análise de conteúdo das falas dos licenciandos em Matemática revelou, pelo percentual de 87,5% das unidades temáticas, uma visão da relação professor-aluno como facilitadora da aprendizagem. Quanto à importância dessa relação para o processo de ensino-aprendizagem, 71,43% das unidades temáticas expressam que ela é importante porque desperta o prazer pelo aprendizado e porque constrói diálogos. Entretanto, de acordo com 60% das falas, ela tem repercutido de forma negativa na graduação. Além disso, para 66,66% das declarações, o cotidiano da relação é fechada/superficial ou negligente/egocêntrica. E, ainda, são narrados mais episódios negativos que positivos.

Quanto aos licenciandos em Biologia, a análise revelou um percentual de 100% das unidades temáticas com uma visão de que a relação professor-aluno envolve responsabilidade mútua, mediação do conhecimento, afetividade e respeito. Sobre a importância dessa relação para o processo de ensino-aprendizagem, 100% das unidades temáticas comunicam sua importância, pois por meio dela o conhecimento é construído, ela facilita o processo de ensinar e de aprender e é fator de motivação. Tudo isso é confirmado por 91% das falas, uma vez que, nas declarações, fica clara a repercussão positiva da relação professor-aluno na graduação e até na postura reflexiva do futuro docente. Além disso, para 100% das declarações, o cotidiano da relação ocorre de forma a variar entre razoável e satisfatória. Entretanto, apesar de 54,55% das declarações narrarem episódios positivos, um percentual significativo, 45,45%, expressam episódios negativos.

Donde se pode inferir que os licenciandos em Matemática estão construindo uma representação negativa da relação estabelecida entre professor e aluno. Por isso é importante (re)conhecer, identificar as representações sociais e também socializá-las, buscando discutir sobre elas e questioná-las. É nesse movimento que se pode contribuir com a construção de uma visão política, crítica, essencial para o desenvolvimento de uma educação comprometida com a emancipação humana (MINAYO, 2012).

Já os licenciandos em Biologia expressam uma representação bastante positiva da interrelação professor-aluno. O que pode revelar, pelas declarações dos sujeitos, uma atitude reflexiva do professor formador acerca da prática docente.

O estudo revelou também que as relações entre professores e alunos devem superar o autoritarismo ainda presente nos ambientes de formação de professores, caminhando para uma

relação baseada no respeito, no diálogo, na complementaridade, elementos que vão além do conhecimento formal e técnico.

Nesse sentido, por ser a relação professor-aluno um elemento extremamente importante para o processo de ensino-aprendizagem, os cursos de formação inicial docente devem criar espaços para a discussão da temática de forma sistemática. Com isso, acredita-se que haja maior desenvolvimento de uma prática docente reflexiva desde a formação inicial, revelando ao futuro professor a necessidade de qualificação para o exercício da profissão docente.

Referências

- ALMEIDA, Edilene Freitas Silva de. **Relação professor-aluno na formação inicial docente: representações sociais construídas**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Maranhão. São Luís, MA, 2015.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BONFIM, Maria Núbia Barbosa. A construção curricular no cotidiano dos alunos de cursos de formação de professores. In: MELO, Maria Alice et al (org.) **Desafios pedagógicos: na formação e trabalho docente e na avaliação**. São Luís: EDUFMA, 2008.
- COUTINHO, M da P de L; SARAIVA, E.R. de A. (Orgs.). **Métodos de pesquisa em Psicologia Social: perspectivas qualitativas e quantitativas**. João Pessoa: Editora Universitária, 2011.
- CORTELLA, Mario Sergio. **Mario Sergio Cortella responde: Qual a relação entre afetividade, vínculo e aprendizagem?** Entrevista à Revista Nova Escola. YouTube, 30 de março de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7bywstc8YF8&t=3s>.
- FREIRE, P. Educação para a Consciência Crítica. Londres: Sheed & Ward, 1974.
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 62 ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2016.
- GADOTTI, M. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipione, 1999.
- GILLY, M. As Representações Sociais no Campo Educativo. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 19, p. 231-252. 2002.
- JUNIOR, José Florêncio Rodrigues. **Como administrar a sala de aula: fundamentos e prática**. 2 ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- LIBÂNEO, J. C. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. São Paulo: Cortez, 2005.
- LIBÂNEO, J.C. **Os métodos de ensino**. São Paulo: Cortez, 1994.
- MORGADO, Maria Aparecida. **Da sedução na relação pedagógica: professor-aluno no embate com afetos inconscientes**. São Paulo: Summus, 2002.
- MOSCOVICI, S. **Representações Sociais em Psicologia Social**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- _____. **Representações Sociais: investigação em psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

ORTENZI, Alexandre. **A relação professor-aluno: contribuições para o ensino da Matemática**. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica. Campinas, SP, 2006.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2002.

ZUIN, Antonio A. S. **Adoro odiar meu professor: o aluno entre a ironia e o sarcasmo pedagógico**. São Paulo: Autores Associados, 2008.